Plêthos, 3, 2, 2013
www.historia.uff.br/revistaplethos
ISSN: 2236-5028

Altar belvedere no culto dos *lares augusti*: reorganização do espaço sagrado da *urbs* (ca. 12 a. C.)

Debora Casanova da Silva (UNIRIO/PPGH-NERO/CAPES)

Resumo: Em 12 a. C. foi iniciada, pelo governo de Augusto, uma reorganização do espaço físico/sagrado da urbs, e a partir dessa houve a inclusão de uma terceira divindade ligada ao próprio Augusto, o Genius Augusti, nas esquinas e encruzilhadas. A ampliação da influência de Augusto pode ser vista através desse culto e dos altares que veiculavam os signos e símbolos da ideologia do principado augustano.

Palavras-chave: Altar belvedere, espaço sagrado, Augusto, urbs.

Altar belvedere in worship of the *lares augusti*: reorganization of the sacred places of the urbs (ca. 12 BC)

Abstract: In 12 BC was initiated, by the government of Augustus, a reordering of the physical and sacred spaces of the urbs, and from this there was the inclusion of a third deity to Augustus, Genius Augusti, on street corners and crossroads. The expansion of the influence of Augustus can be seen through this worship and altars that were the signs and symbols of the ideology of the Augustan principality.

Keywords: Altar belvedere, sacred space, Augustus, urbs.

***

Introdução

Pensando em espaços sagrados na *urbs*, à época de Augusto, estamos nos referindo a duas questões principais: quais são esses espaços e porque eles são sagrados? O objetivo principal de nosso artigo, seria pensar não somente essas duas questões, mas refletir sobre o que

os romanos entendiam como um espaço físico ordenado e condizente com a *pax deorum*, ou seja, a paz entre os deuses e cidadãos romanos.

Iniciada em 12 a. C., porém efetivada em 7 a. C., a reorganização do espaço físico e sagrado da *urbs* estava estritamente vinculada, não só à aproximação de Augusto com os habitantes dos bairros, a *plebs infima*, mas também à difusão dos *signa imperii*.

Os *signa imperii* foram signos e símbolos relacionados a Augusto desde pelo menos a morte de seu pai adotivo Júlio César. Esse conjunto de símbolos são de grande importância se pensados desde a vitória da batalha do *Actium*, sobre Marco Antônio e Cleópatra, em 31 a.C. Dentre os símbolos ligados a Otaviano/Augusto estão: *sidus Iulius*, a estrela que simboliza *diuus Iulius*; a *Rostra*, que representava a proa dos navios dos inimigos de Otaviano; arbustos de louros, ligados à divindade Apolo; os cisnes, também ligados à divindade Apolo; a coroa cívica ou coroa de carvalho; o escudo áureo ou escudo da virtude; centauros marinhos, golfinhos e cavalos marinhos; a deusa *Victoria*; Enéias; a quadriga, que representava o triunfo de Augusto; etc. Segundo Paul Zanker, esses símbolos, "votados para Augusto em 27 a. C. foram combinados de modos inimagináveis, não somente um com o outro, mas com novos ou mais recentes símbolos da vitória ou salvação" (ZANKER, 2010: 84,97). Durante anos a batalha do *Actium* foi lembrada como um tipo de milagre secular, a partir do qual o novo governo de Augusto foi criado.

Essa ação de propagação de imagens codificadas nos espaços de intersecção da *urbs*, os *uici* ou bairros, foi possibilitada através da ampliação de um culto ligado a Augusto, o culto dos *Lares e Genius Augusti*. Este culto foi um ritual implantado a partir da reapropriação, no momento do movimento cultural, jurídico, político e religioso conhecido como a *restauratio augustana*, de um ritual já conhecido pelos romanos desde a época arcaica, o ritual incluído no festival das *Compitalia*. O ritual originariamente era dedicado a duas divindades, os deuses *Lares*, tendo sido modificado em 7 a.C., a partir da inclusão de uma terceira divindade, a essência divina de Augusto, ou *Genius Augusti*, passando a se chamar *Lares Augusti*. Em sua origem, no formato singular, correspondia ao *Lar*, divindade que em conjunto com o *genius* do *paterfamilias*, era cultuada dentro das casas romanas em um pequeno santuário, o *lararium* (SCHEID, 2003: 163-165).

As *Compitalia*, festivais que demarcavam, mesmo que com variações, a passagem do ano no calendário oficial romano, eram rituais voltados à homenagem de duas divindades, os deuses *Lares* (STEK, 2008: 112; SCULLARD, 1981: 58-59). O festival era anunciado por um *praetor,* magistrado com jurisdição sobre os termos de contratos de negócios na cidade, que o fazia em

fins de dezembro e início de janeiro. Como outros cultos, o festival das *Compitalia* foi revisto na época da *restauratio augustana*. Há diversas variações em torno de qual seria a tradição do ritual. Dentre a gama de criações literárias especulativas, que tentavam dar conta do universo complexo e expressivo da *religio romana*, o belíssimo relato de Ovídio faz sentido na nossa análise, devido principalmente ao fato de se alinhar ao contexto da organização física, como um espaço social, religioso e político. De acordo com Ovídio, no *Fasti II* 609-610, as duas divindades, os *Lares*, teriam sido geradas a partir da união de *Lara* com o deus *Mercurio*. Designado por Júpiter a levá-la à morada dos *Manes*, o mundo inferior, Mercúrio teria estuprado *Lara* e dado origem aos *Lares* (BRANDÃO, 2008: 197-198). Ela teria sido enviada ao mundo inferior devido à irritação de Júpiter por não ter lhe ajudado a encontrar *Juturna*, a ninfa por quem se apaixonara. Por serem filhos de *Mercurio*, deus que protegia os caminhos e o comércio, aos *Lares* também foi delegado o mesmo ofício, porém restrito a lugares específicos. O ritual que homenageava os *Lares Compitales*, e após 7 a.C. os *Lares* e *Genius Augusti*, acontecia dentro de um *compitum*, pequenos santuários localizados nas bifurcações, esquinas e encruzilhadas, nos *uici*.

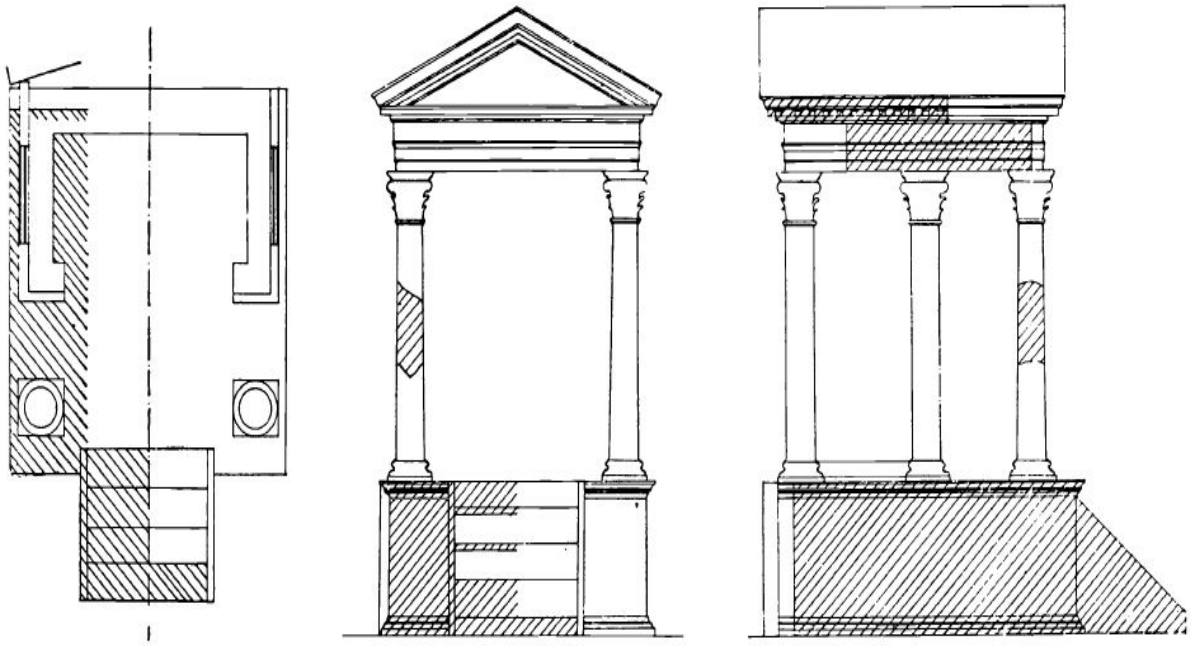

Imagem 1: Reconstrução da *aedicula* do *Compitum Acilii*. (LOTT, 2011: 151, fig. 16)

Nesses *compita* geralmente haviam altares voltados ao culto. Acima (imagem 1) nós temos o que seria o *Compitum Acili*. Esse *compitum* media aproximadamente 2,8 metros por 2,4, contando com alguns poucos degraus. Essas imagens nos permitem entender um pouco mais desses espaços, entretanto vale lembrar que esses pequenos santuários variavam de bairro para bairro.

Se pensarmos que o que os romanos entendiam por bairro poderia ser uma única rua principal, onde se concentravam as atividades importantes para aqueles habitantes, por vezes o santuário ficaria bem no meio, como é possível verificar na segunda imagem, logo abaixo (imagem 2). Os traçados na imagem representam o que seriam as construções, enquanto que as partes lisas, em cinza, seriam as ruas e vielas. Em um desses espaços lisos é possível ver um retângulo indicado por uma seta preta. De acordo com Lott, esse retângulo seria um possível *compitum,* localizado no plano de mármore da cidade de Roma, feito sob o governo de Sétimo Severo (LOTT, 2011: 16-18).

Imagem 2: Plano de mármore dos Severo. (LOTT, 2011: 17, fig. 3)

Desse modo, e a partir dessas imagens, nós podemos perceber que o culto dos *Lares* e *Genius Augusti*, estava espalhado por toda *urbs*. Cada santuário desse trazia um pequeno altar, geralmente quadrilátero, contendo cenas distintas, algumas figuras recorrentes e por vezes inscrições.

A *urbs* em 7 a.C. foi dividida em 14 regiões e aproximadamente 265 *uici*. Essa estimativa é posterior ao governo de Augusto, entretanto diversas epigrafias foram encontradas mostrando um pouco dessa divisão. Segundo Lott, grande número de dedicatórias existentes apresentam a restauração de bairros e sua organização no governo de Augusto (LOTT, 2004: 180). Cada *uicus* funcionava como uma unidade administrativa que cuidava da distribuição de grãos e água, segurança, prevenção de incêndios e dos rituais voltados aos *Lares* e *Genius Augusti*. Havia um sacerdote e administrador, o *uicomagister*, geralmente um homem livre, escolhido pela vizinhança, que cuidava tanto da administração, quanto da execução dos rituais, se tornando o oficiante dos mesmos (SUETÔNIO, V.D.A., XXX).

Muitos dos altares dedicados ao culto dos *Lares* e *Genius Augusti* eram encomendados pelos próprios *magistri* dos bairros, com a intenção de que a partir das cenas, que faziam referência a *religio romana*, à *domus augusta* e ao próprio governo, fosse criado um elo que denotasse a aproximação dos mesmos com o *princeps*. Ovídio, no *Fasti* V, deixa claro que, quando houve a sobreposição de um culto para o outro, Augusto fez questão de presentear os bairros com pequenas estatuetas, os *Lares Augusti* (OVÍDIO, *Fasti* l. V, 137-146). Essa cena pode ser vista com clareza no altar Belvedere, que acaba perpetuando esse momento, o momento da entrega das estatuetas aos *magistri*, oficiantes do culto de Augusto, e seus assistentes os *ministri*. O momento representado na cena nos possibilita visualizar uma das formas mais efetivas de ampliação do poder e influência proposto por Augusto, pois os elementos simbólicos poderiam ser vistos através dos muitos bairros de Roma.

Temos hoje pelo menos quatro altares (altar do *uicus Sandaliarius*; do *uicus Aescleti*; altar *Regio Caelio* e o altar Belvedere) que trazem representados em suas faces momentos do próprio ritual que acontecia nos bairros, assim como eventos importantes para a família imperial. Esses altares, traziam diversos elementos ligados a *domus augusta*, símbolos que denotavam a aproximação dos bairros e a influência de Augusto. O altar Belvedere é desses exemplos, um altar que detém quatro cenas distintas, e que foi encontrado na cidade de Roma. Ele data entre 12 e 2 a.C., contudo descontextualizado, o mesmo acarreta uma variedade de especulações e hipóteses por parte dos historiadores, quanto a interpretação de uma das cenas. Medindo

aproximadamente 0,95 cm de altura, 0,97 cm de comprimento e 0,67 de profundidade, o Belvedere, possivelmente instalado em um *compitum,* ficava visível aos olhares dos passantes. Retratados em suas faces estavam os ideais que faziam parte da retórica do governo de Augusto. Muito mais do que espelhos da política, esses altares representavam a mudança e a tradição, ou a necessidade do retorno a ela, a partir da restauração dos costumes ancestrais incutidos nos rituais e suas performances.

Como podemos ver especificamente na cena da entrega das estatuetas, o *compitum* adornado com guirlandas faz referência a dois momentos específicos no calendário, as datas voltadas as festividades dessas divindades "*Augusti*", feriados estabelecidos por Augusto, de acordo com Suetônio, como dias voltados a celebração de sua essência divina em conjunto com as localidades, que a partir de 7 a.C. estavam sob sua tutela.

Imagem 3: altar Belvedere, cena 1 – entrega das estatuetas por Augusto. (Fonte: http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=4452)

Suetônio nos informa que Augusto, "determinou que os *Lares* das encruzilhadas fossem ornados duas vezes por ano, com flores primaveris e estivais" (SUETÔNIO, V.D.A., XXXI). De extrema importância, a informação de Suetônio nos ajuda a entender a ornamentação da cena como uma indicação dessa delimitação temporal, e não somente como um adorno específico elaborado pelo artesão ou pensado pelo *magister*. Na maior parte das vezes a junção da documentação literária, material, iconográfica e epigráfica compactuando do mesmo contexto, auxiliam inserindo informações que por vezes seriam lacunares.

Na cena, temos ao centro superior dois objetos utilizados nos rituais, e que eram ligados aos colégios sacerdotais, a *patera* ou prato de libações, e o jarro, onde era guardado o vinho. No lado esquerdo da cena, temos representados os *uicomagistri* (três) recebendo as estatuetas, os *Lares*, das mãos do próprio Augusto, que por sua vez é a figura de maior proporção na cena. Havia uma recorrência de imagens de Augusto com o tórax semicoberto e a perna flexionada. No centro (inferior) da cena aparecem tanto as estatuetas, como um pequeno altar, onde estariam representados alguns detalhes da própria cena do Belvedere. Ao lado direito nós temos duas figuras humanas, homens, cidadãos romanos por estarem portando togas. Quanto quem seriam as figuras humanas representadas na cena, tanto do lado esquerdo (três) quanto do lado direito (dois), é um debate que perpassa por grandes especialistas que já analisaram o altar. Para Mary Beard, John North e Simon Price, os dois homens a direita seriam *Gaius* e *Lucius*, os herdeiros e netos de Augusto (BEARD, NORTH, PRICE, 2010: 184-187), opinião que também compartilha Paul Zanker (ZANKER, 2010: 131). Contudo tanto para Lott e quanto para Karl Galinsky, que por sua vez tem uma interpretação da cena completamente diferente dos outros historiadores, eles não seriam *Gaius* e *Lucius* (GALINSKY, 1998: 319-120). Seriam somente dois magistrados não especificados. As três figuras do lado esquerdo também acarretam especulações, de acordo com Zanker (idem) seriam *ministri*, assistentes do culto que estariam recebendo as estatuetas de Augusto, a vestimenta modesta seria o que justifica a afirmativa dos dois especialistas. Para Lott (LOTT, 2011: 104) e para Beard, North e Price (BEARD, NORTH, PRICE, 2010: 184), essas três figuras seriam os próprios oficiantes do culto, os *magistri* ou *uicomagistri,* opinião que compartilhamos por entendermos que a entrega das estatuetas era extremamente significativa para cada *uicus*, o que descartaria o recebimento das mesmas pelos assistentes do culto e não pelos oficiantes e administradores dos bairros. Devido principalmente a perdas e fragmentações do documento e a falta de testes quanto a possíveis pigmentações da indumentária, até o momento seria improvável uma comprovação de qual o tipo da toga que essas figuras humanas estariam usando, que indicaria a posição dos oficiantes na cena. Aos *magistri*, oficiante do culto,

foi permitido a utilização da toga praetexta, usada pelos cidadãos romanos, no momento em que presidiam cultos e rituais. A toga *praetexta* poderia ser identificada através da coloração púrpura que levava, no formato de uma faixa que perpassava a roupa. De todo modo, e mesmo com as controvérsias quanto quem seria quem nessa cena do altar Belvedere, ele representa o momento específico de reorganização do espaço físico e sagrado da *urbs*, em conjunto com a sobre elevação de um culto que tinha sido dado como abandonado pelos habitantes dos bairros.

Pensado possivelmente como uma composição, que tinha como intenção apresentar a ideia formulada em torno da família imperial, o Belvedere traz nas outras cenas símbolos e signos que auxiliaram na formulação da superioridade da *domus augusta*. Abaixo (imagem 4) nós temos a cena da *Victoria* alada segurando o *clipeus uirtutem*, escudo da virtude entregue a Augusto em 27 a.C. pelo senado e pelo povo romano. Os *signa* aparecem na cena e nela podemos ver ligações tanto com a divindade Apolo, quanto a presença da personificação da deusa *Victoria*, que teria garantido a *pax augusta*.

Imagem 4: altar Belvedere – cena 2 – *Victoria* alada com escudo da virtude. (Fonte: http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=3471)

A *pax augusta* foi a paz trazida por Augusto, após os anos de guerra civil, através da vitória da batalha do *Actium*. Ladeando a deusa aparecem dois arbustos de louro, árvore sagrada ligada a Apolo. Há a proposição de uma possível representação da Cúria *Iulia* nesta cena do Belvedere. Segundo a tradição, o escudo da virtude que Augusto recebeu, teria sido depositado no altar da deusa *Victoria* na cúria citada, contudo, a dificuldade em encontrar representações desse altar, que permitissem uma comparação, impossibilita a afirmativa de que o pequeno pedestal ou coluna na cena, logo abaixo do escudo, estaria indicando a própria cúria. Dentro do escudo aparece, bem danificada, uma inscrição. Nessa imagem não é possível traduzir o que estaria escrito. O que temos, a partir de reproduções encomendadas pelos próprio Augusto, é a transcrição do que estaria gravado no escudo. A inscrição dizia: SENATVS POPVLVSQUE ROMANUS IMP. CAESARI DIVI F. AVGVSTO COSVIII. DEDIT CLVPEVM VIRTVTIS CLEMENTIAE IVSTITIAE PIETATIS ERGA DEOS PATRIAMQVE. "O senado e o povo de Roma dedicaram ao Imperador César Augusto, filho do Divino, consul pela oitava vez, o escudo da virtude, clemência, justiça e piedade para com os deuses e a pátria" (ZANKER, 2010: 95). O escudo honorífico foi posicionado na Cúria *Iulia*, aos pés da estátua da deusa *Victoria*, fazendo referência à vitória da batalha do *Actium* (ANTIQUEIRA, 2008: 5). Até mesmo o posicionamento do escudo em local público compreendia a uma composição na qual integrava a simbologia, tanto do próprio elemento material, o escudo, quanto da esfera divina de poder relacionada à deusa, e que deste modo corroborava as virtudes do homenageado enquanto líder. As cópias desse escudo colocadas em várias cidades, permitiram o conhecimento a todos os cidadãos romanos das virtudes de Augusto, já que cada uma destas ligava-se a seus feitos. As honras, deste modo, não somente tinham a característica de presentear o próprio homenageado, mas também de mostrar o que era esperado de um cidadão romano, as ambições da elite romana sobre estas honras vinham a partir do reconhecimento de que, tais, faziam parte de um conjunto de excelência dentro de sua sociedade. Para Zanker, o escudo também se tornou um símbolo místico, pois fazia referência a escudos honoríficos que tinham o papel, no mundo helenístico, de mostrar qualidades e feitos vistos de cidadãos ditos como honráveis (ZANKER, 2010: 95-96). Neste caso, havia outra questão implícita neste tipo de honra, Augusto deveria ser um exemplo, mais do que para os cidadãos, para os governantes posteriores a ele. O escudo apresentava um conjunto de qualidades preconizadas pelo *mos maiorum*, e sua circulação vinculada à Augusto, mostrava a identificação entre essas qualidades e o seu governo.

Considerações finais

Desse modo, podemos compreender que na *urbs*, do principado augustano, haviam espaços especificamente delimitados em cada *uicus*, os *compita*, e que esses eram tidos como núcleo de administração e principalmente da *religio* ali presente, fosse através dos rituais executados, ou dos altares inseridos na paisagem urbana. Eles eram sagrados devido a tradição calcada nos *mos maiorum*, e voltada a homenagear as divindades, os deuses *Lares*, que ali habitavam e protegiam, desde os primórdios de Roma, os habitantes dessas localidades. Tanto os altares como os próprios *compita,* não podem ser vistos como mero coadjuvantes, por figurarem entre os grandes templos e imponentes monumentos dos espaço sagrado da *urbs*. Representantes das mudanças e recriações da *restauratio augustana*, eles são alguns dos expoentes, que irão fundamentar a legitimação de Augusto, através da religião e do culto imperial.

Referências bibliográficas

Fontes

ALTAR BELVERE, Cena 1 e 2,

Disponível em: http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=4452 Acesso: 20/01/2012.

OVÍDIO, *Fasti* l.V. 137-46.

Disponível em: http://www.thelatinlibrary.com/ovid/ovid.fasti5.shtml Acesso: 12/12/2011.

SUETONIO (2007) *Vita Diui Augusti,* In, *A vida e os feitos do Divino Augusto* Trad. Matheus Trevizam, Paulo S. Vasconcelos, Antônio M. de Rezende, Belo Horizonte, Editora UFMG, p.9-115.

Bibliografia

ANTIQUEIRA, Moisés (2008) O escudo da virtude e a ideologia do principado Augustano, Fênix *Revista de História e Estudos Culturais*, Vol. 5, Ano V, n. 3 Jul / Ago / Set de 2008, ISSN: 1807-6971, Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 10/06/2010.

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon (2010) *Religions of Rome, Volume I – A History*, New York, Cambridge University Press.

BELTRÃO, Claudia (2006) Religião na *Urbs* In SILVA, Gilvan V. MENDES, Norma M. *Repensando o Império Romano: Perspectiva socioeconômica, política e cultural,* Rio de Janeiro, Mauad Editora, p.137-160.

BOURDIEU, Pierre (1996) *A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer,* São Paulo, EDUSP.

BRANDÃO, Junito de Souza (2008) *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*, Petrópolis, Vozes.

GALINSKY, Karl (2009) *Augustan Culture: an interpretative introduction,* Princeton, Princeton University Press.

LOTT, John B (2011) *The neighborhoods of Augustan Rome,* Cambridge, Cambridge University Press.

SCHEID, John (2003) *An Introduction to Roman Religion,* Bloomington, Indianapolis, Indiana University Press.

SCULLARD, H.H (1981) *Festivals and Ceremonies of the Roman Republic*, London, Thames and Hudson.

STEK, Tesse (2009) *Cult places and cultural change in Republican Italy,* Amsterdam, Amsterdam University Press.

ZANKER, Paul (2010) *The Power of Images in the Age of Augustus,* Michigan, University of Michigan Press.